

INFORME SETORIAL Nº 14 – MARÇO 1998

PRODUTOS FLORESTAIS

ÁREA DE OPERAÇÕES INDUSTRIAIS 2

Gerência Setorial 1

A Crise Asiática e o Setor de Celulose e Papel no Brasil

Os países do Sudeste Asiático - aqui considerados: China, Japão, Coréia, Indonésia, Taiwan, Hong Kong, Malásia, Singapura e Tailândia - consomem 29% do papel e 20% da celulose produzidos no mundo. A região tem cerca de 1,6 bilhão de habitantes com um consumo *per capita* de 50 kg de papel por ano (30% superior ao do Brasil).

Por não dispor de matéria-prima florestal suficiente para atender a sua crescente demanda, os países daquela região importam grandes volumes de papel e de fibras (celulose, pastas e papéis velhos).

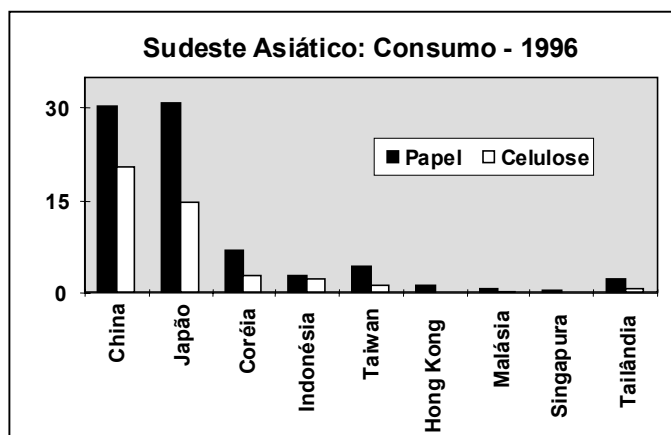
A crise iniciada no final de 1997 vem afetando, sob vários aspectos, a indústria brasileira de celulose e papel. Este Informe Setorial aborda a influência da crise asiática no setor e os reflexos mais imediatos para os produtores nacionais.

O Setor de Celulose e Papel nos Países do Sudeste Asiático

Cabe observar, inicialmente, que, para efeito de situar os países escolhidos no contexto do setor, as estatísticas disponíveis, apesar de referirem-se ao ano de 1996, permitem uma visão bem atual, uma vez que, em grandes números, não ocorreram variações significativas em 1997.

No ano de 1996, o grupo dos países aqui selecionados foi responsável pela importação de 27% da celulose comercializada no mundo. A região é, também, grande demandante de papéis para reciclagem, estando a Coréia, Taiwan, Indonésia e China entre os maiores importadores mundiais, cada um com volumes anuais superiores a um milhão de toneladas. Esses números são inferiores apenas aos do Canadá que, para atender a legislação americana de consumo de papéis de imprensa, é obrigado a utilizar, em média, cerca de 25% de fibras recicladas na fabricação daqueles papéis.

O consumo de papel no Sudeste Asiático, em 1996, alcançou 80,5 milhões de toneladas, volume comparável ao dos Estados Unidos (84,8 milhões de t). As importações foram responsáveis pelo abastecimento de 17 % desse consumo e por 18% do volume de papel comercializado no mundo, naquele ano.



Mesmo com a crescente oferta de celulose por parte da Indonésia, a região importou, em 1996, o equivalente a 22% de seu consumo. Os grandes importadores, China, Japão e Coréia, obtém suas matérias-primas, principalmente, do Canadá, Estados Unidos, Chile e Brasil, além da própria Indonésia.

A quase totalidade das exportações de celulose da região é feita a partir da Indonésia, devendo-se destacar que, recentemente, esse país passou a oferecer ao mercado, celulose totalmente fabricada a partir de florestas plantadas de acácia, com qualidade bastante superior à da fibra tropical mista, obtida a partir de florestas nativas e que ainda constitui a maior parte da celulose exportada.

A tabela seguinte apresenta os principais agregados do setor de celulose e papel referentes aos países asiáticos aqui analisados.

*Os países do
Sudeste
Asiático têm
1,6 bilhão de
habitantes e
consumo "per
capita" de
papel de 50 kg*

Celulose e Papel: Países do Sudeste Asiático - 1996

	mil t					
	Papel			Celulose/Pastas		
	Produção	Impo.	Expo.	Produção	Impo.	Expo.
China	26.000	4.494	217	19.000	1.468	16
Japão	30.013	1.559	713	11.199	3.420	81
Coréia	7.681	676	1.384	618	2.241	0
Indonésia	4.386	198	1.668	2.635	836	1.127
Taiwan	4.337	1.076	924	326	909	1
Hong Kong	340	3.821	2.870	0	18	7
Malásia	692	300e	100e	145	150e	0
Singapura	60	723	192	0	31	18
Tailândia	2.036	470	205	503	344	131
Total Região	75.545	13.317	8.273	34.426	9.417	1.381
Total Mundo	281.979	75.281	77.864	174.042	35.071	34.608

Fonte: PPI
e: estimado

China e Hong Kong (as estatísticas apresentadas referem-se ao período anterior à fusão) são grandes importadores de papéis de embalagem. O Japão concentra suas importações em papéis de imprimir e escrever e papel de imprensa. Do lado das exportações, destacam-se a Indonésia (imprimir e escrever), a Coréia (cartões) e Taiwan (papéis de embalagem).

O Impacto Imediato da Crise

Cada um dos países do Sudeste Asiático apresenta estrutura econômica, financeira e política diferentes entre si e, dessa forma, uma análise generalizada deve ser assimilada com a necessária cautela. De qualquer forma, em relação ao setor de celulose e papel, fatores econômicos comuns à toda aquela região, como o intenso movimento inter-regional de capitais e de mercadorias, proporcionam um denominador comum à crise.

O processo de deterioração financeira e cambial que atingiu esses países no último trimestre de 1997, além das consequências de efeito imediato, armou mecanismos que se farão sentir por mais longo período. As relações comerciais foram logo de início afetadas, ficando sem o apoio da maioria dos bancos e, por algum tempo, foi praticamente impossível a obtenção de cartas de crédito.

No início da crise as relações comerciais foram afetadas: era praticamente impossível a obtenção de cartas de crédito.

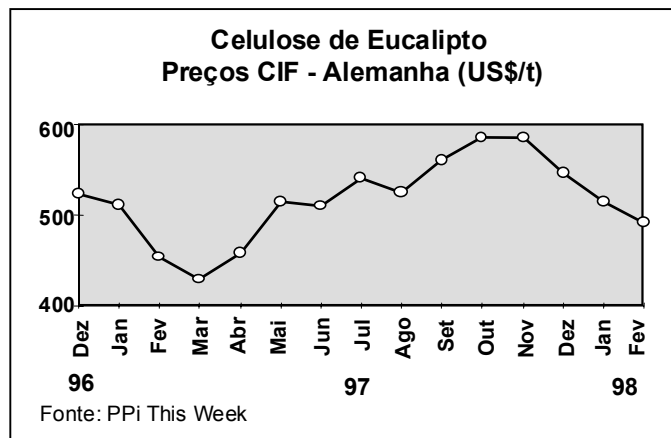
O caso mais citado é o dos fabricantes de papel da Coréia, dependentes em celulose importada. Sobrecarregados pelas exigências dos exportadores que, em razão da grande quantidade de falências bancárias naquele país, insistiam em receber adiantado, esses fabricantes ficaram em situação financeira ainda mais delicada.

As fábricas que recentemente investiram em máquinas de papel estão em situação mais complicada. É importante lembrar que, entre 1996 e primeiro semestre de 1997, a capacidade instalada de papel na Coréia aumentou em 2,5 milhões de toneladas/ano, concentrando-se nos segmentos de imprimir e escrever, cartões duplex e *tissue*.

Com a desvalorização de suas moedas, os fabricantes dos países mais atingidos passaram a ofertar seus produtos a preços reduzidos no mercado asiático, além de iniciar oferta em regiões onde tradicionalmente não atuavam. Produtores canadenses e norte-americanos de celulose, que dependiam em grande escala dos mercados asiáticos, viram-se obrigados a colocar suas mercadorias em outras regiões, inclusive Brasil.

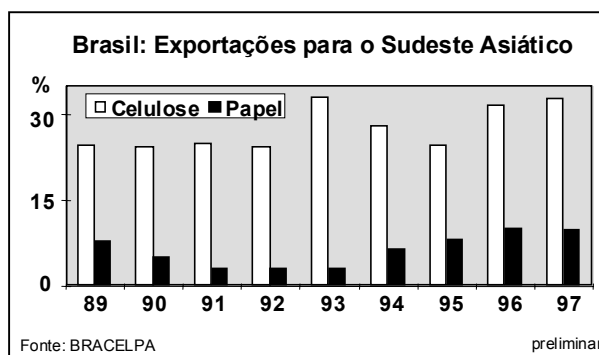
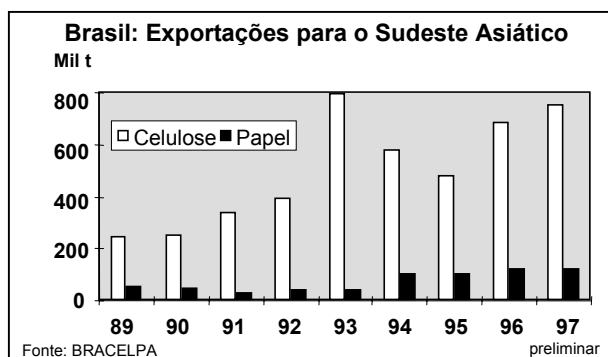
O mercado de celulose foi o que de mais imediato sentiu o impacto da crise asiática. Algumas características especiais dos mercados asiáticos contribuíram para isso: a China tradicionalmente interrompe suas importações ao final de cada ano para só recomencá-las após o ano novo lunar (fevereiro), enquanto que a Coréia costuma trabalhar com estoques muito elevados, o que permitiu a interrupção das compras sem afetar, na mesma proporção, a sua produção de papel.

Com o excesso de oferta, os preços de comercialização da celulose de eucalipto na Europa, por exemplo, sofreram uma queda de cerca de US\$ 90/t, entre outubro/97 e fevereiro/98.



As Exportações Brasileiras de Celulose e Papel para os Países do Sudeste Asiático

No setor, as exportações brasileiras de celulose, para os países em foco, são significativamente mais relevantes que as de papel: 685 mil t contra 118 mil t. Até 1992, essas exportações representavam cerca de 25% do total de celulose exportado, passando para cerca de 30% em 1997. As vendas externas de papel para a região vêm aumentando, passando sua participação relativa de 5% para 10%, entre 1992 e 1997.



As vendas de celulose são concentradas em apenas dois países: Japão e Coréia. No caso do papel, as exportações são fragmentadas, sendo Hong Kong, seguido de Japão e Malásia, os principais destinatários das exportações brasileiras para a região.

Brasil - 1996 Exportações de Celulose e Papel para o Sudeste Asiático

País	Papel	Celulose
China	3	52
Japão	22	362
Coréia	13	204
Indonésia	1	26
Taiwan	4	9
Hong Kong	49	-
Malásia	15	-
Singapura	10	-
Tailândia	1	32
Total	118	685

mil t

Fonte: BRACELPA

As Exportações Brasileiras de Celulose e Papel Após a Crise

Após alguns meses da crise, uma das principais constatações é a de que os volumes de venda da indústria brasileira de celulose e de papel não foram afetados significativamente. Os mercados dos Estados Unidos, Europa Ocidental e América Latina, que absorvem 65% das exportações de celulose e 61% das exportações brasileiras de papel, continuam apresentando firme demanda.

As exportações brasileiras de celulose iniciaram o primeiro bimestre do ano com volumes 8% superiores aos do mesmo período do ano de 1997. Esse resultado foi devido ao aumento de 22% das exportações para a Europa Ocidental, de 18% para os Estados Unidos e de 38% para o Japão. Por outro lado, houve queda nas exportações para os restantes dos países do Sudeste Asiático, destacando-se a redução de 90% nas exportações para a Indonésia.

Quanto ao desempenho do segmento papeleiro, por vender relativamente pouco para o Sudeste Asiático, os produtores brasileiros não foram muito atingidos. Indiretamente, as consequências vão, aos poucos, sendo percebidas. Os asiáticos deixaram seus mercados locais para colocar papel na África, na Europa e na Costa do Pacífico na América do Sul, causando reflexo nos preços e, também, no custo das transações comerciais de um modo geral (renegociações, custo de cartas de crédito, aumento de risco etc).

O que vêm preocupando os produtores de papéis de imprimir e escrever, mais do que os volumes que possam ser vendidos nesses mercados, são os preços oferecidos pelos produtores asiáticos, que, segundo algumas fontes, chegam a ser 20% menores que os praticados correntemente.

As exportações brasileiras para a região não foram afetadas em volume. Os preços, no entanto, sofreram redução.

Perspectivas

Um dos impactos iniciais da crise asiática foi o adiamento e cancelamento de projetos naquela região. Estima-se que cerca de 60% dos projetos em perspectiva tenham sido adiados ou cancelados. A importância dessas decisões pode ser avaliada pelo fato de que a região contava com cerca da metade dos projetos anunciados em todo o mundo. Mesmo para os projetos que continuam a ser tocados, a dificuldade na obtenção de financiamentos constitui mais um obstáculo a ser superado.

O consumo brasileiro de papel cresceu 3,8% em 1997. Para 1998 poderá situar-se na faixa de 1 5% a 3%

Entre os projetos cancelados, na área de celulose de mercado estão:

- Tanjung Enim Lestari - 450.000 t/ano Indonésia
- Borneo Pulp & Paper - 870.000 t/ano Indonésia
- Advance Agro - 275.000 t/ano Tailândia

Ainda assim, a região conta com a maioria dos projetos anunciados para o restante da década em todo o mundo, sendo grande parte referente a papéis de imprimir e escrever.

O cenário internacional que hoje se apresenta sugere que o ano de 1998 será de intensa competição por mercados, com um menor crescimento econômico para os países da Ásia, uma diminuição do ritmo de crescimento da economia dos Estados Unidos e taxas modestas de atividade para os países da Europa. Excedentes de oferta e queda nos preços dos produtos do setor são previstos. Será fundamental, por parte das indústrias em todo o mundo, um rigoroso acompanhamento da produção para evitar-se a formação de estoques excessivos. O processo de reestruturação do setor avançará em 1998, onde poderá ocorrer, inclusive, aquisições de empresas asiáticas em crise.

No Brasil, com as medidas traçadas pelo Governo para enfrentar a crise financeira asiática, estima-se um menor ritmo de crescimento da economia, refletindo-se em queda da demanda de celulose e de papel. O consumo aparente de papel no Brasil, em 1997, cresceu 3,8% e, em 1998, poderá situar-se na faixa de 1,5% a 3%, dependendo da capacidade de recuperação da atividade econômica no 2º semestre do ano. Apesar disso, o Brasil é, atualmente, o alvo das atenções de alguns dos maiores grupos do setor em busca de novas oportunidades de crescimento.

Cabe considerar finalmente que, como acontece em períodos de baixa nos preços da celulose, fica desvantajoso, para os produtores com custos mais elevados, fabricar celulose. Os grandes fabricantes programam paradas, outros, pequenos e pouco competitivos fecham suas fábricas. Após alguns meses o mercado se ajusta, muitas vezes com altas exageradas nos preços. Em razão da queda dos estoques nos meses de janeiro e de fevereiro de 1998, já se anunciam altas nos preços da celulose para o mês de abril, inclusive por parte dos produtores da Indonésia.

Ficha Técnica:

Angela Regina Pires Macedo - Gerente Setorial

Antonio Carlos de V. Valença - Engenheiro

Editoração: GESIS/AO2

Telefone: (021) 277-7083

Fax: (021) 240-3504